



“EU NÃO TENHO QUE TE PROVAR NADA”: QUESTÕES DE GÊNERO E REPRESENTAÇÕES DA CAPITÃ MARVEL NO CINEMA E NOS QUADRINHOS

"I DON'T HAVE TO PROVE ANYTHING TO YOU": GENDER ISSUES AND REPRESENTATIONS OF CAPTAIN MARVEL IN CINEMA AND COMICS

CAROLINE LOISE DÄHNE

Mestra em História, Cultura e Identidades pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Pós-Graduada em Práticas de sala de aula no modelo finlandês (Faculdade da Indústria) e em Processos Inovadores de Ensino e Aprendizagem na Educação Básica (Faculdade da Indústria). Graduada em História (UEPG).

JÉSSICA LEME SANTOS

Mestra em História, Cultura e Identidades pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Graduada em Pedagogia (UNINTER) e em História (UEPG).

RESUMO

Este artigo explora a representação da personagem Capitã Marvel no contexto cinematográfico, especialmente em seu filme solo lançado em março de 2019. A escolha do lançamento na véspera do Dia Internacional da Mulher é analisada como uma estratégia de marketing que ressalta o apelo feminista da protagonista, Carol Danvers. O estudo aborda as diversas transformações da personagem ao longo dos anos nas HQs da Marvel, culminando em sua adaptação para o cinema que destaca temas de empoderamento feminino, como independência e resistência a estereótipos de gênero tradicionais em mídias de super-heróis. Enfrentando reações adversas e boicotes de uma parcela do público, que preferia representações femininas mais tradicionais e sexualizadas, o filme "Capitã Marvel" emergiu como um sucesso comercial significativo, refletindo mudanças nas expectativas do público e a demanda por uma representação mais diversificada e substancial de personagens femininas. Este trabalho discute como as produções culturais, como os quadrinhos e seus derivados cinematográficos, não apenas refletem, mas também influenciam as dinâmicas sociais e culturais, com especial atenção ao impacto dos momentos históricos na construção das personagens e suas narrativas.

Palavras-chave: Representação Feminina; Super-heroínas; Capitã Marvel; Questões de Gênero; Feminismo.

ABSTRACT

This article explores the representation of the character Captain Marvel in the cinematic context, particularly in her standalone film released in March 2019. The choice to launch the film on the eve of International Women's Day is analyzed as a marketing strategy that highlights the feminist appeal of the protagonist, Carol Danvers. The study addresses the various transformations of the character over the years in Marvel Comics, culminating in her cinematic adaptation that emphasizes themes of female empowerment, such as independence and resistance to traditional gender stereotypes in superhero media. Facing adverse reactions and boycotts from a segment of the audience, who preferred more traditional and sexualized female representations, the film "Captain Marvel" emerged as a significant commercial success, reflecting changes in audience expectations and the demand for more diverse and substantial representation of female characters. This work discusses how cultural productions, like comics and their cinematic derivatives, not only reflect but also influence social and cultural dynamics, with special attention to the impact of historical moments on the construction of characters and their narratives.

Keywords: Female Representation; Superheroines; Captain Marvel; Gender Issues; Feminism.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS; 1 DE PAR ROMÂNTICO À PROTAGONISTA: A TRAJETÓRIA DE CAROL DANVERS; 2 AS SUPER-HEROÍNAS COM O NOME MARVEL; 3 OS QUADRINHOS E FILMES DA MARVEL REFLETEM O COTIDIANO; CONSIDERAÇÕES FINAIS; REFERÊNCIAS.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em março de 2019 foi lançado nos cinemas brasileiros o filme *Capitã Marvel*, produzido pela *Marvel Studios*¹, que trouxe como protagonista a heroína que intitula o filme. A escolha pelo lançamento no dia 07 de março não foi aleatória. A véspera do Dia Internacional da Mulher foi uma escolha publicitária devido ao apelo feminista da identificação com a personagem.

Escolhida pela *Marvel*² como a personagem capaz de competir com a protagonista feminina *Mulher Maravilha*, das Histórias em Quadrinhos produzidas pela concorrente *DC Comics*³, a Capitã Marvel passou por diversas transformações ao longo dos anos até chegar na versão que ganhou as telas dos cinemas mundiais.

Isso porque a personagem Capitã Marvel teve outros alter egos nas HQ's, ou seja, diferentes pessoas assumiram o manto da super-heroína ao longo do tempo, até que a Carol Danvers foi a escolhida para assumir a identidade na versão cinematográfica.

Versão essa que consagrou à personagem aspectos relacionados ao empoderamento feminino, caracterizado pelo vestuário, falas e ações. As quais se distanciam daquela imagem de “mocinha inocente” que depende da proteção de personagens masculinos, tão ressaltada em quadrinhos e filmes do gênero de super-heróis.

Mesmo cercado de polêmicas e de movimentos de boicotes por parte de fãs da Marvel que não aceitavam uma personagem com tais características, o primeiro filme do *Universo Cinematográfico da Marvel*⁴ protagonizado por uma mulher está entre as maiores bilheterias mundiais do estúdio, com arrecadação de US \$1,128 bilhão⁵ nos cinemas.

¹ Segundo o historiador Fábio Guerra (2016), o estúdio de cinema *Marvel Studios* é o responsável pela produção de filmes inspirados nas Histórias em Quadrinhos produzidas pela editora *Marvel Comics*. Suas adaptações se iniciaram em 2005 e atualmente já lançaram 23 filmes recordes de bilheterias mundiais.

² A editora de histórias em quadrinhos *Marvel Comics* começou a ser conhecida por esse nome em 1963; anteriormente, conforme aponta Guerra (2016), ela era conhecida como *Timely Publications*, criada em 1939 por Martin Goodman.

³ De acordo com Guerra (2016), a editora estadunidense de Histórias em Quadrinhos *DC Comics* foi resultado da fusão em 1944 das empresas *National Allied Publications* fundada em 1935 e a *Detective Comics Inc.* criada em 1937 por Major Malcolm Wheeler-Nicholson. Essa editora é reconhecida como a principal concorrente da Marvel e foi pioneira na produção de quadrinhos no formato padrão de revista, os *comic books*. A editora foi responsável pela criação dos personagens que são conhecidos como a “trindade” dos super-heróis: Super-Homem, Batman e Mulher Maravilha.

⁴ Conhecido também pela sigla MCU, o *Universo Cinematográfico Marvel*, conforme Guerra (2016), é a nomenclatura utilizada para designar a franquia de filmes produzidos pela *Marvel Studios* com a adaptação das Histórias em



Conforme apontam Gonzatti, Miorando e Becko (2019), os movimentos dos “haters”, que traduzindo seria o equivalente às pessoas que odiaram a personagem, essas críticas negativas estavam sendo feitas antes mesmo do lançamento do filme, baseadas, até então, somente nos anúncios publicitários divulgados pela produção e nas declarações feitas pela atriz que a protagonizou.

Tal posicionamento, ainda conforme os autores, demonstra que grande parte dos fãs da Marvel do gênero masculino, estavam acostumados com personagens femininas descritas com características sensuais e submissas, o que colaborava com suas fantasias sexuais. Portanto, ao se deparar com uma personagem que não é objetificada, aconteceram diversas tentativas (comuns nesse cenário) de “desqualificar produções da cultura pop que buscam construir imaginários e narrativas com mais diversidade” (Gonzatti; Miorando; Becko, 2019, p. 2).

Sobrou até mesmo para a atriz que protagonizou a personagem, ganhadora do Oscar de Melhor Atriz em 2016 por seu papel no filme *O Quarto de Jack*. Brie Larson foi alvo de críticas de fãs da *Marvel* e até de parte da imprensa que a descreviam como muito “séria” ou “irritada” para interpretar uma super-heroína.

Amada por uns, odiada por outros, a produção da personagem e a recepção dos consumidores tanto nos quadrinhos como nas suas aparições de filmes do MCU demonstram a influência de diferentes momentos históricos na relação com o gênero feminino. Diante disso, esse capítulo procura perceber as transformações da personagem Capitã Marvel e a influência do momento histórico nessas mudanças.

1 DE PAR ROMÂNTICO À PROTAGONISTA: A TRAJETÓRIA DE CAROL DANVERS

De acordo com Delcolli (2019), a primeira aparição de Carol Danvers em uma História em Quadrinho da Marvel foi em março de 1968 na edição da revista *Marvel Super-Heroes #13*, criada pelo roteirista Roy Thomas e o desenhista Gene Colan.

Quadrinhos de super-heróis criadas pela *Marvel Comics*. O primeiro filme produzido pelo estúdio, e que inaugurou a franquia, foi o *Homem de Ferro*, lançado em 2008.

⁵ Dados levantados pelo site *Reddit* no Ranking: Top 25 maiores Bilheterias dos anos 2010. Disponível em: < <https://revistamonet.globo.com/Filmes/noticia/2020/08/marvel-emplaca-40-de-lista-das-25-maiores-bilheterias-dos-anos-2010-aponta-levantamento.html> >. Acesso em: 07/01/2021.



A princípio, a personagem foi construída para ser o interesse romântico do então *Capitão Marvel*⁶, super-herói criado em 1968 pela editora. Segundo Guerra (2016), o personagem apareceu pela primeira vez na revista *Marvel Super-Heros #12*, representando um Capitão alienígena da raça Kree, chamado *Mar-Vell*. Ele foi enviado à Terra para recuperar um robô e durante a missão o personagem percebeu a oportunidade de assumir a identidade de um cientista recém morto, Dr. Walter Lawson, e se passar por humano.

Nos quadrinhos, a missão teve uma reviravolta quando um inimigo de Mar-Vell utilizou o robô para tentar matá-lo, levando o personagem a utilizar os seus poderes para derrotar essa ameaça. Tendo sido visto por diversas testemunhas, ele passou a ser chamado de Capitão Marvel.

De acordo com Guerra (2016), nos quadrinhos, é na base estadunidense em Cabo Canaveral que o cientista Dr. Lawson (identidade já assumida pelo alienígena) conhece Carol Danvers, agente da CIA⁷ e chefe de segurança da base.

Delcolli (2019) ressalta que desde sua primeira aparição nas HQs, a personagem já era representada em funções que geralmente eram ocupadas por homens, tais como piloto de combate da Força Aérea estadunidense, agente e líder do departamento de segurança. No entanto, apesar de toda a sua experiência, ao ser criada como par romântico do herói, Carol sempre estava em situações nas quais dependia de ser salva por ele.

A situação da personagem só mudou quando anos depois houve uma transformação: na ocasião, Carol foi exposta à tecnologia Kree em uma explosão de um dispositivo, o que acarretou a ela poderes sobre-humanos como superforça, maior resistência, capacidade de voar, entre outros poderes⁸.

⁶ É importante salientar que existe mais de um Capitão Marvel. Além deste criado pela editora *Marvel Comics*, a *DC Comics* também tem um personagem homônimo. Criado em 1939 pela editora *Fawcett Comics*, o primeiro Capitão Marvel, cujo nome veio da palavra inglesa “Marvelous” (na tradução: Maravilhoso), teve o manto vestido pelo alter ego adolescente Billy Batson. De acordo com Smarra, Lotufo e Gomes (2014), após um processo sofrido pela editora por acusações da *DC Comics* de que o personagem era uma cópia do *Superman*, a série do herói foi cancelada em 1953. O que abriu espaço em 1968 para que a *Marvel Comics* comprasse os direitos para usar o nome “Capitão Marvel” para um super herói criado pela editora e que levaria a marca em seu nome. Ainda de acordo com os autores, na década de 1970, a *DC Comics* comprou o Capitão Marvel da *Fawcett*, e passou a utilizar o nome “Shazam” para lançar suas edições sobre o personagem.

⁷ Agência Central de Inteligência do governo dos Estados Unidos.

⁸ Nesse momento a trajetória da personagem é dissociada do Capitão Marvel, o qual anos depois, em 1982, foi o primeiro personagem de quadrinhos da Marvel a morrer com o diagnóstico de câncer.



Com essa transformação, a personagem assumiu sua primeira edição solo, criada por Gerry Conway e Jonh Buscema, em 1977. De acordo com Guerra (2016), ao assumir o papel de *Miss Marvel*⁹, Carol Danvers demonstrou uma tentativa da Marvel de trazer uma abordagem feminista da narrativa, o que acompanhava a sociedade estadunidense do momento, no qual no final da década de 1970 questões como o feminismo estavam constantemente sendo discutidas.

Sem falar, comercialmente, como afirma a jornalista Gabriela Franco (2019), a mudança de par romântico para super-heroína tornou a personagem uma concorrente para a Mulher Maravilha, criada pela editora DC Comics, e grande representante feminina nos quadrinhos da época.

Nas HQ's, após a explosão, Carol passou por um bloqueio mental. Assim, conforme salienta Guerra (2016), nem ela nem a Miss Marvel tinham consciência de se tratar da mesma pessoa. Nessa nova versão, Carol passou a ser uma jornalista que editava a revista *Woman Magazine*, voltada para o público feminino.

Nas 25 edições que a série sobre a Miss Marvel teve no período, a personagem foi marcada pela posição bem-sucedida, cujo discurso nas publicações da revista lutava por pautas como um tratamento igualitário entre homens e mulheres, como, por exemplo, a questão salarial. No entanto, apesar das mudanças que estavam em consonância com o momento histórico vivido na realidade, conforme aponta Guerra (2016), cartas de leitoras enviadas à editora naquele período demonstravam que algumas especificidades ainda não agradavam o público feminino, tais como o uniforme da heroína que ainda sexualizava a sua imagem.

Com o cancelamento da revista, a personagem ainda manteve o manto de Miss Marvel e passou a fazer parte dos *Vingadores*¹⁰ nas edições #183 até #200 da revista *Avengers*. E é durante a década de 1980 que a personagem passou por um dos enredos mais controversos da história da Marvel.

De acordo com Guerra (2016), enquanto era membro do grupo de super-heróis, Carol foi sequestrada pelo personagem *Marcus* e levada para uma outra dimensão, onde engravidou. Ao voltar para a Terra, a gestação, assim como o desenvolvimento da criança, ocorreu em questão de horas, enquanto Carol permanecia confusa sobre como tudo aquilo poderia ter ocorrido.

⁹ De acordo com Teles (2020), a palavra *Captain* em inglês não distingue os gêneros femininos e masculinos; então por já existir o personagem masculino Capitão Marvel, optou-se pelo *Miss* para evitar confusão entre os personagens.

¹⁰ Grupo de super-heróis criado pela *Marvel Comics* em 1963 na revista com título “The Avengers”, a ideia surgiu como um equivalente à “Liga da Justiça”, grupo criado pela sua concorrente *DC Comics*.



A criança gerada pela heroína, ao crescer naquelas horas, revelou-se sendo o próprio Marcus, que planejava retornar com ela para outra dimensão. Na sequência, a HQ revelou que Marcus havia engravidado a personagem através de um estupro, mas Carol, sensibilizada, aceitou retornar com Marcus e não foi impedida por nenhum membro dos Vingadores. A história criada pelo roteirista David Micheline e o editor-chefe Jim Shooter na edição #200 foi bastante controversa por abordar um abuso sexual, a aceitação da personagem na situação e a não ação dos outros heróis em auxiliá-la.

Retornando à Terra, um ano depois, em uma criação do roteirista Chris Claremont, Carol teve uma rivalidade com a personagem *Vampira*, onde teve seus poderes roubados. Sem poderes, na edição de *Uncanny X-Men* #158, foi acolhida pelos *X-Men* e, com a ajuda do *Professor Xavier*, retomou a sua memória e isso revelou uma mágoa dela com os Vingadores por não terem a protegido mesmo quando souberam que Marcus havia a estuprado e permitiram que o vilão a manipulasse e a levasse com ele. Essa fase foi marcada pela adoção do codinome *Binária* e sua atuação junto aos *X-Men*.

Outra transformação foi vivida pela personagem nas HQs da década de 1990, ao retomar seus poderes de *Miss Marvel* e retornar à terra, ela assumiu o codinome de *Warbird* (na tradução: “pássaro de Guerra”) e voltou a atuar com os Vingadores. Mas ela adquiriu hábitos que a levaram ao alcoolismo e a fizeram deixar o grupo novamente.

Depois de tantas reviravoltas, o título de Capitã Marvel somente foi concedido à personagem Carol Danvers em 2012, quando a roteirista Kelly Sue DeConnick e o editor Stephen Wacker assumiram a criação das histórias da personagem.

De acordo com Guerra (2016), ao assumir essa nova identidade, a personagem retomou algumas características que possuía nas edições da década de 1970, principalmente as concepções feministas e um novo uniforme que agora cobria o seu corpo. É essa personagem “repaginada” e com uma roteirista mulher que passou a representar os dilemas das mulheres do século XXI e que foi a escolhida para ser a primeira heroína da Marvel a ter seu filme solo como protagonista.

2 AS SUPER-HEROÍNAS COM O NOME MARVEL



É importante lembrar, conforme apontamos na introdução deste capítulo, que outras personagens também vestiram o manto da Capitã Marvel nos quadrinhos, além do alter ego Carol Danvers que teve diversas transformações ao longo das últimas décadas.

Assim como a heroína que ganhou vida nos cinemas e se tornou a versão oficial da Capitã Marvel no MCU, as outras mulheres que carregaram o nome Marvel¹¹ em suas identidades de super-heroínas também herdaram o nome e o legado do Capitão Marvel. Essa característica de criar uma personagem feminina através de um personagem masculino pré-existente é recorrente nas HQ's da editora.

Gustavo Regina (2017) em sua dissertação de mestrado realizou um levantamento das versões femininas de heróis de diversas editoras de quadrinhos¹². No caso das que se originaram através do Capitão Marvel estão: Miss Marvel (*Carol Danvers* - 1977), Capitã Marvel (*Monica Rambeau* - 1982), Capitã Marvel (*Carol Danvers* - 2012), Miss Marvel (*Kamala Khan* - 2013) e *Marvel Woman* (*Marlene Brashear* - 2015).

Ainda segundo o autor, as características e poderes dessas super-heroínas não estão intrinsecamente relacionadas com o super-herói que inspirou suas origens. Nesse sentido, embora as heroínas que derivam do Capitão Marvel tenham o poder de projetar energia assim como o personagem masculino, as capacidades em relação a esse e a outros poderes varia de uma personagem para a outra.

A adaptação dessas heroínas até a criação de uma identidade nova para cada uma, dissociada da versão masculina, nem sempre acontece imediatamente após a sua criação. Segundo Regina (2017), a própria Carol Danvers, ao apoderar-se do manto de Capitã Marvel, passou a assumir características como o desenho do figurino ou o corte de cabelo inspirado no Capitão Marvel. Isso fica ainda mais explícito quando o autor compara as capas das revistas em quadrinhos dos dois personagens e se percebe que até mesmo a tipografia do título demonstra essa aproximação com o personagem masculino. O que gera o que o autor chama de uma “mulher-espelho”, cuja estética e identidade se aproxima da do personagem que inspirou a sua origem, como uma imagem invertida.

¹¹ A prática de colocar o nome da editora em um nome de personagens, de acordo com Gonzatti, Miorando e Becko (2019), de “flagship name” ou, na tradução, “marca guarda-chuva”. O que se caracteriza como uma estratégia de marketing e faz com que o personagem represente uma derivação da marca Marvel.

¹² Para aprofundamento do tema através do levantamento completo das heroínas que foram criadas a partir de heróis masculinos, recomendamos a leitura da dissertação de mestrado de Gustavo Regina (2017).



Uma ruptura com essa imagem “espelho” é a personagem Monica Rambeau¹³, que assumiu o manto da personagem Capitã Marvel em 1982 na revista *The Amazing Spider-Man Annual #16*. Segundo Quiangala (2017), Monica rompe com a imagem do Capitão Marvel, já que ele é apresentado como loiro de olhos azuis nos quadrinhos, enquanto ela desde sua primeira aparição é retratada com cabelos crespos e pele negra. Outra coisa interessante sobre a personagem é que suas roupas de heroína também rompiam com o padrão até então bastante costumeiro de retratar as mulheres com figurinos que ressaltavam seus atributos físicos e criavam uma imagem sexualizada das personagens femininas.

Para além das questões estéticas, a personagem Monica Rambeau traz uma trajetória de luta pelos direitos civis e de combate ao sexismo, claramente impulsionada pelos debates que aconteceram na década de 1980 nos EUA.

Mas Quiangala (2017) ressalta também que, embora trazendo essas questões contemporâneas à sua criação, a personagem que foi constantemente relacionada com enredos que tratavam sobre misoginia e a busca pelo combate a situações sexistas não costuma ser lembrada quando se fala sobre o Feminismo da Capitã Marvel. O que a autora percebe como um desempoderamento da personagem.

Além disso, constantemente a personagem Monica Rambeau precisa se reafirmar nas histórias. Quiangala (2017) salienta que, mesmo com superpoderes, pertencer ao gênero feminino geralmente se apresentava como um desafio a ser enfrentado. Assim como outros personagens, ao longo do tempo, Monica Rambeau deixou de utilizar o manto de Capitã Marvel e assumiu outros codinomes como Fóton, Pulsar e Expectro.

De acordo com Chung (2019), uma nova personagem assumir o manto de outro(a) faz parte de uma ação da Marvel que nas últimas décadas vem inserindo uma maior participação de mulheres e de características que privilegiam a diversidade em detrimento do modelo anteriormente hegemônico do super-herói homem e branco, criado há décadas atrás. Um exemplo disso é a nova Ms. Marvel, Kamala Khan, uma adolescente de 16 anos, estadunidense com descendência paquistanesa.

¹³ Monica Rambeau, de acordo com Quiangala (2017), foi a primeira a assumir o manto de Capitã Marvel nas HQ's da editora. Posteriormente, a personagem chegou inclusive a ser a primeira integrante negra e até a liderar o grupo de super-heróis *The Avengers, Os Vingadores* na tradução. Sobre a trajetória dessa super-heroína, recomendamos a leitura da dissertação de Quiangala (2017).



A personagem da Ms. Marvel, segundo Cunha (2017), atende três públicos diferentes ao mesmo tempo. Quando a personagem Carol Danvers assumiu o posto de Capitã Marvel, o manto de Ms. Marvel ficou vago e foi então assumido pela jovem personagem Kamala. Ao colocar uma adolescente como alter ego da heroína, cria-se uma identificação com o público jovem de leitores da Marvel. Afinal, apesar de ter poderes sobre-humanos, a personagem continua passando por dilemas que outros adolescentes passam diariamente.

Além disso, apesar de nascida nos EUA, a personagem é filha de pais paquistaneses e muçulmanos. Esse fator, ainda segundo o autor, produz diversos significados, principalmente pensando num país cuja parte da população mantém preconceitos contra povos árabes por conta dos ataques terroristas vivenciados no início do século XXI e dos conflitos que até hoje acontecem entre o país e diversos grupos habitantes do Oriente Médio. Ao retratar uma personagem com essas características, a Marvel atrai outros adolescentes e reafirma a identidade muçulmana associada a questões positivas.

O terceiro público atingido por Kamala são as mulheres. Cunha (2017) reforça que apesar dela e a Carol Danvers possuírem inúmeras diferenças, ambas retratam personagens femininas fortes e constroem uma mensagem de que as mulheres podem dominar espaços e funções que até então eram constantemente atribuídos a personagens masculinos.

Essa renovação dos personagens clássicos, segundo Santos (2018), busca uma identificação maior do público consumidor com os super-heróis, através da inserção de sujeitos mais plurais.

Devido à escolha da Marvel pela personagem da Carol Danvers para assumir o posto de Capitã Marvel nos cinemas, no presente capítulo optou-se por analisar a trajetória dessa personagem. Porém, é importante ressaltar que o combate a situações sexistas não é algo restrito a esse alter ego; as outras personagens femininas que vestiram o manto de heroínas com o nome Marvel ao longo dos anos também demonstram essa postura.

3 OS QUADRINHOS E FILMES DA MARVEL REFLETEM O COTIDIANO

As transformações da personagem Capitã Marvel nos quadrinhos, ao longo das décadas desde a sua criação, refletem as mudanças pelas quais o mundo passava. Sua transição de par



romântico para uma protagonista, na década de 1970, demonstra a discussão que estava em voga nos Estados Unidos sobre o papel da mulher na sociedade.

Para os leitores de quadrinhos da Marvel, narrativas que se vinculam à realidade não eram novidade. Enquanto os fãs da DC Comics estavam habituados a cidades ficcionais, os personagens da Marvel, nos quadrinhos, viviam em cidades que realmente existiam, criando uma proximidade com o consumidor dessas histórias.

Além disso, de acordo com Guerra (2016), os problemas que os heróis da Marvel buscavam resolver – e até mesmo a personalidade deles – costumavam estar relacionados com o cotidiano no qual as HQs foram produzidas. Isso pode ser percebido nitidamente nos quadrinhos, principalmente durante períodos em que os EUA passavam por algum conflito interno ou externo.

Como uma forma de angariar o apoio da opinião pública para causas político-ideológicas, os meios de comunicação de massas, como as histórias em quadrinhos, foram constantemente utilizados ao longo do tempo para veicular determinados discursos.

Não é à toa, como aponta Guerra (2016), que a venda de HQs ganhava impulso durante períodos de conflitos, por exemplo. Enquanto o país enfrentava seus inimigos, os consumidores compravam quadrinhos que tratavam sobre temáticas afins àquele momento histórico.

Nesse sentido, mesmo que a temática da HQ seja completamente diferente dos assuntos discutidos então pela sociedade, como no caso de disputas com alienígenas, os enredos sempre buscavam tratar elementos que repercutiam essa influência na sua criação.

É importante perceber que essa influência pode ser intencionalmente planejada, buscando atender algum objetivo político-ideológico, ou simplesmente refletir os padrões da sociedade (e tempo) no qual o roteirista está inserido.

No caso das HQ's protagonizadas pela personagem Carol Danvers – seja enquanto par romântico do Capitão Marvel ou quando ela assume o manto de Miss Marvel e/ou até mesmo da Capitã Marvel – uma das características mais marcantes são as profissões que o seu alter ego humano assume.

Enquanto piloto da Força Aérea estadunidense ou agente da CIA, Carol assume ideais patrióticos em defesa da nação. Isso durante os anos 1960, em que a população do país vivia um clima de tensão, o que colaborava com o imaginário dos leitores sobre como deveriam ser as suas



ações no mundo real. Lembrando que as histórias em que ela inicialmente aparece foram escritas no contexto da Guerra Fria; então colocar personagens estadunidenses em combates espaciais contra alienígenas remete à corrida espacial travada contra a URSS.

Já no caso de quando a personagem Carol Danvers assume a profissão de jornalista em uma revista feminina no final da década de 1970, conforme aponta Guerra (2016), isso refletia as discussões do momento sobre os problemas que as mulheres enfrentavam na sociedade estadunidense do período.

A própria forma como o enredo da HQ na qual Carol Danvers sofre o abuso sexual é retomado por outro roteirista um ano depois já mostra como as concepções feministas da sociedade estadunidense impactaram na personagem. Segundo Guerra (2016), ao tratar sobre a vergonha, a raiva e a sensação de abandono dos próprios colegas dos Vingadores, essa história estava associada com questões discutidas pela sociedade naquele período e demonstrava um problema enfrentado pelas mulheres naquele contexto.

De acordo com Silva (2017), a Marvel é uma das editoras que se comprometeu em trazer nas suas histórias em quadrinhos temáticas relacionadas com a luta por direitos e debates sociais. O que, segundo a autora, contribuiu para que o diálogo sobre essas questões ultrapassasse as barreiras das esferas de poder e pudessem ser também discutidas pela população, ao dar visibilidade a esses temas. Nesse sentido, as questões de gênero também ganharam espaço nas produções da Marvel, tanto nos quadrinhos quanto no cinema.

Isso se deu principalmente entre o final da década de 1960 e nos anos 70, impulsionados pelas discussões de diversos movimentos sociais nos EUA, inclusive pelo movimento Feminista. Segundo Cavalcanti (2005), a partir da segunda metade do século XX, vários temas que estavam sendo discutidos em debates intelectuais passaram a ocupar lugares públicos, um deles foi a *Segunda Onda do Movimento Feminista*¹⁴.

Nesse sentido, ainda segundo a autora, as novas nuances nas pautas das mulheres acabaram gerando a nomenclatura de *Movimento Feminista Pós-Moderno*, para essa fase mais contestadora do movimento durante as décadas de 60 e 70.

¹⁴ Cavalcanti (2005) ressalta que a Primeira Onda do Movimento Feminista aconteceu no final do século XIX e priorizava a luta pelos direitos da mulher referentes principalmente à participação na política e melhorias nas condições de trabalho.



Assim, nesse período, diversas obras aclamadas foram lançadas e popularizadas, servindo como referencial teórico para o movimento, que cada vez mais ganhou as ruas dos EUA e de diversos países pelo mundo. De acordo com Cavalcanti (2005), isso ocorreu em consonância com as marchas pelos Direitos Civis na década de 60, nas quais houve a participação de mulheres juntamente com membros de outros movimentos como negros, homossexuais e ecologistas, na busca pela superação de desigualdades.

Dentre as principais pautas do Movimento Feminista dos anos 60 e 70 nos EUA estavam os pedidos pela igualdade nas relações, equidade no mercado de trabalho, discussões sobre o aborto e a pílula anticoncepcional. É importante lembrar, segundo Cavalcanti (2005), que nesse momento surgiram diversas vertentes do Feminismo, o que, conseqüentemente, influenciou nas pautas defendidas e nos referenciais teóricos utilizados por eles como embasamento em busca da mudança social.

Nas histórias em quadrinhos, ao longo das décadas, podemos perceber a influência dessas modificações da sociedade nas temáticas dos enredos e nos comportamentos dos personagens. Conforme aponta Guerra (2016), a forma como o masculino e o feminino são representados também acompanha essas transformações. Principalmente no que tange às personagens femininas, o autor aponta que as mudanças de representação foram bastante significativas.

Antes associadas a uma pretensa “fragilidade” que reforçava a virilidade dos personagens masculinos, com as transformações culturais da sociedade estadunidense a partir do momento em que o movimento feminista começou a ganhar destaque no final da década de 1960, as personagens femininas foram aos poucos se transformando também. Assim, conforme ressalta Guerra:

As histórias em quadrinhos são um produto midiático capaz de retratar mudanças sociais e assuntos atuais, e dessa forma podem levar os leitores a questionar seus valores e ideias preconcebidas. O universo criado nestas narrativas é um produto típico da cultura da mídia que, como tal, mostra, por meio da arte, questões emergentes e importantes da sociedade (Guerra, 2016, p. 394).

Inclusive o autor ressalta que até mesmo a venda dos quadrinhos sofreu considerável mudança a partir do momento que a representação das personagens femininas passou a refletir mais do aspecto real e não estereotipado. Afinal, o público leitor feminino passou a aumentar na medida que se identificavam com as personagens e seus desafios.



Isso ficou ainda mais evidente quando as produções de histórias em quadrinhos para o universo cinematográfico do MCU tiveram de ser adaptadas para uma classificação indicativa com uma faixa etária reduzida. Se o filme é indicado para maiores de 12 anos, aqueles estereótipos sexuais ligados a personagens femininas foram diminuindo e abrindo espaço para outras representações. E, conseqüentemente, para um público mais amplo e com maior participação de fãs do gênero feminino.

Com o lançamento do filme “Capitã Marvel” nos cinemas em 2019, as discussões sobre o protagonismo feminino em Histórias em Quadrinhos voltaram a ser tema de reflexões acerca das representações do feminino e do masculino.

Gonzatti, Miorando e Becko (2019) analisaram como foi a repercussão do filme nas redes sociais e perceberam como diversas pessoas tentaram diminuir o “valor” do filme por sua relação com gênero e a construção de uma personagem forte feminina.

Isso pode ser relacionado com o estereótipo por tanto tempo divulgado pelas histórias em quadrinhos de como deveria ser a personagem feminina. Conforme aponta Huyssen (1997), os estereótipos de gênero na indústria cultural tiveram raízes associadas à uma “feminilidade imaginada por homens” (Huyssen, 1997, p. 47).

É o que aponta Guerra (2016): quando as mulheres começaram a ter maior visibilidade nas histórias em quadrinhos, o público leitor de mulheres ainda não conseguia se identificar com aquelas versões, já que aquelas imagens eram projeções masculinas que os roteiristas/desenhistas acreditavam que eram modelos de mulheres.

Assim, nesse cenário, Carol Danvers nos quadrinhos foi criada para representar um papel coadjuvante. De acordo com Barros (2019), por mais que ela tivesse uma profissão fora do considerado padrão para uma mulher, os roteiristas ainda a imaginavam como uma donzela em perigo.

Nesse sentido, grande parte dos consumidores de filmes que são inspirados em histórias em quadrinhos cresceram com essa visão estereotipada de personagens femininas, às vezes enquanto uma mulher “que precisa ser resgatada” e em outras como uma *femme fatale*, cuja função é seduzir (Barros, 2019). Isso contribuiu para o estranhamento de muitos espectadores, já que diferentemente



da imagem estereotipada que associa as mulheres a uma figura passiva, o filme traz a aparição de uma personagem determinada e bem resolvida.

No filme “Capitã Marvel” (2019), assim como em algumas HQs, a personagem também vai lutar para ocupar espaços comumente preenchidos por homens (em outrora). Desde criança, Carol Danvers se esforça (mais do que os colegas) para realizar o que eram tradicionalmente atividades (ditas) masculinas. Rompendo com todas as estimativas, ela chega ao oficialato e se torna piloto da Força Aérea dos EUA. Logo, o mencionado *blockbuster*, ainda que timidamente, trabalha com a atual perspectiva feminista, sendo a cena mais emblemática aquela onde haveria a esperada luta final da protagonista com Yon-Rogg, o seu antigo treinador kree (extremamente habilidoso em artes marciais) e comandante militar da Starforce. Ele, que já tinha vencido Carol Danvers em vários treinamentos (onde ela era proibida de usar poderes, em uma metáfora das limitações, construídas histórica e socialmente, do potencial feminino), ao se deparar com a heroína frente a frente, tenta manipulá-la através de um jogo psicológico, argumentando que ela deveria provar o seu valor lutando sem usar os seus poderes, vencendo-o se fosse capaz. Eis que a personagem principal do filme dispara um jato de poder pelas suas mãos, derruba o vilão e diz na sequência: “eu não tenho que te provar nada”, numa nítida tentativa da Marvel Studios de trazer a ideia de “empoderamento feminino” para o filme.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar a trajetória da personagem Carol Danvers e visualizar a de outras que também assumiram os mantos de Ms. Marvel ou Capitã Marvel, podemos perceber o quanto o momento histórico vivenciado durante a elaboração dos quadrinhos ou dos filmes tem influência na construção da personagem.

Isso porque as histórias em quadrinhos não são produções desconexas do que é discutido e vivenciado no mundo real. Seja conscientemente planejada para fins comerciais (ou político-ideológicos) ou mesmo apenas uma inspiração espontânea, as HQs e os filmes delas derivados são produções culturais e conseqüentemente sofrem influência do meio no qual são criadas.



A trajetória da Carol Danvers demonstra isso com suas transformações, sejam elas na personalidade, na profissão ou até mesmo no figurino. Todas elas manifestam a luta das mulheres, que, mesmo com superpoderes, enfrentam dilemas que as mulheres reais também vivenciam.

Essas transformações mostram que as produções culturais que permanecem estáticas e não abrangem as mudanças da sociedade atual acabam não gerando uma identificação com o seu público consumidor.

Assim, cada vez mais as mulheres também se tornam consumidoras das histórias em quadrinhos e dos filmes produzidos pela Marvel, e, nesse sentido, querem ver suas pautas representadas nos enredos, mesmo que de forma ficcional.

REFERÊNCIAS

BARROS, Caroline Kuviatkoski de. **Representação das Super-heroínas no cinema e identificação feminina: um estudo de recepção dos filmes Capitã Marvel e Mulher Maravilha.** TCC - Universidade Federal do Paraná, Departamento de Comunicação Social, 2019.

CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. Mulheres em ação: Revoluções, Protagonismo e Práxis dos séculos XIX e XX. **Proj. História**, São Paulo, (30), p. 243-264, jun. 2005.

CHUNG, Erika. **Ms. Marvel: Genre, Medium, and a Intersectional Superhero.** Panic at the Discourse: An Interdisciplinary Journal, Volume 1, Issue 2 (2019): 5-16.

CUNHA, Matheus Amaro da. **Discurso e afirmação de Identidades: uma análise do novo Ultimate Homem-Aranha e da nova Miss Marvel.** TCC (Licenciatura) - Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Letras, 2017.

DELCOLLI, Caio. Capitã Marvel: conheça a trajetória da heroína nos quadrinhos. **Revista Galileu online**, 2019. Disponível em: < <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/02/capita-marvel-conheca-trajetoria-da-heroína-nos-quadrinhos.html> >. Acesso em: 16/10/2020.

FRANCO, Gabriela. Guia para ler Capitã Marvel. **Minas Nerds**, 2019. Disponível em: < <http://minasnerds.com.br/2019/02/28/guia-para-ler-capita-marvel/> >. Acesso em: 23/03/2020.

GONZATTI, Christian; MIORANDO, Guilherme Sfredo; BECKO, Larissa Tamborindenguy. Quando o Feminismo não causou o fracasso de Capitã Marvel dos cinemas: ativismo digital de antifãs, performances e ciberacontecimentos pop na cultura geek/nerd. **Anais do 42º Congresso**



Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belém/PA, 2019. Disponível em: < <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0822-1.pdf> >. Acesso em: 04/01/2021.

GUERRA, Fábio Vieira. **Super Heróis Marvel e os conflitos sociais e políticos nos EUA (1961 - 1981)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, 2011.

GUERRA, Fábio Vieira. **A crônica dos quadrinhos: Marvel Comics e a história recente dos EUA (1980-2015)**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2016.

HUYSSSEN, Andréas. A cultura de massa enquanto mulher - o “outro” do Modernismo. In: _____, **Memórias do Modernismo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

QUIANGALA, Anne Caroline. **A fantasia deles sobre nós: a representação das heroínas negras nos quadrinhos da Marvel**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, 2017.

REGINA, Gustavo Brocanello. **A Costela de Adão: a heroína de quadrinhos como versão do herói**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Paulista, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2017.

SANTOS, Victor da Silva Pacheco dos. **Com grandes poderes vem grande representatividade: um estudo sobre o super-humano contemporâneo**. TCC (Licenciatura) - Universidade Federal do Pampa, Departamento de Letras, 2018.

SILVA, Amaranta Vasconcelos. **Marvel e os Direitos Humanos: Histórias em Quadrinhos, Direitos Sociais e Cidadania. Anais do V CIDIL- Justiça, Poder e Corrupção**. 2017. Disponível em: < <http://rdi.org.br/seer/index.php/anacidil/article/view/276/0> >. Acesso em: 04/01/2021.

SMARRA, André Luís Soares; LOTUFO, César Augusto; GOMES, Nataniel dos Santos. E com vocês o clone do Superman preferido de Jack Kirby...O Capitão Marvel. **Cadernos do CNFL**, vol. XVIII, nº 01 - Análise do Discurso, Linguística Textual e Pragmática. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2014.

TELES, Cadorno. Perfil HQ| Quem é a Capitã Marvel? **Mundo Hype**, 2020. Disponível em: < <https://mundohype.com.br/perfil-hq-quem-e-a-capita-marvel/> >. Acesso em: 16/10/2020.

Recebido em: 17/12/2024 | Aprovado em: 24/12/2024